

## *Cantarei para sempre os benefícios do SENHOR*

O louvor no templo é a nossa chance de expressar, como um só corpo e em uma só voz, o amor que temos pela vida e pelo Criador, além de apresentar-lhe nossos clamores e agradecimentos. Usamos a palavra 'corporação' e 'corpo' em bom português para nos referir à grupos, especialmente de policiais e bombeiros, que têm um forte camaradismo, unindo-se em torno de um único objetivo, neste caso a proteção da vida. A leitura cantada de orações e salmos possibilita uma unanimidade de som que dificilmente se atinge na leitura não cantada. Isto se deve, mas do que nada, à atenção ao significado e à respiração, a origem da vida. Cantar é uma forma de praticar mais plenamente o ato de recitar e contemplar a liturgia e as leituras bíblicas, pois une corpo e mente pela respiração consciente e proclama mais altamente o conteúdo sagrado. “Quando as rubricas indicam que uma parte do rito seja 'dita', deve-se entender também que pode ser 'cantada' ou vice-versa.” (Livro de Oração Comum, p. 12)

Os salmos eram originalmente cantos, não poesia pura. Às vezes eram acompanhadas de instrumentos. Nasceram de situações concretas na vida do povo de Israel e representam os mais variados estados de espírito humano: arrependimento, agradecimento, adoração, esperança e até vingança e julgamento. São expressões viscerais da nossa humanidade na presença divina. Santo Ambrósio (séc. IV) assevera que “nos salmos encontramos profetizado não só o nascimento de Jesus, mas também sua paixão salvífica, seu repouso no sepulcro, sua ressurreição, sua ascensão ao céu e sua glorificação à direita do Pai. O salmista anuncia o que ninguém se atreveria a dizer, aquilo que depois, no evangelho, o Senhor em pessoa proclamou.” (*Enarr. In Psal. I, 8 in* Fonseca, Joaquim. Cantando a Missa e o Ofício Divino. 2. ed. São Paulo, Ed. Paulus, 2004, p. 75)

Pensar em salmos e liturgia cantada na igreja muitas vezes traz imagens de monges de moleira raspada (tonsura) vestidos de túnicas e entoando floreios gregorianos. Na IEAB, ouvimos falar também do canto anglicano (a quatro vozes), que é uma resposta ao canto gregoriano (monofônico) e rivaliza a sua beleza, embora mais sóbrio e bem menos difundido mundialmente do que o primo mais velho. Mas o cantochão monofônico (uma linha melódica) e até monótono (um só tom ou nota) começou bem antes, na era primitiva, e é o foco deste ensaio, na forma do que se chama de 'canto anglicano simplificado'. O cantochão bem que poderia voltar a ocupar uma posição de destaque na liturgia em busca da origem e denominador comum da pluralidade de tradições diversas com as quais convivemos hoje nas metrópoles da pós-modernidade. Diz o Padre Joãozinho, scj: “Acredito que um dia a liturgia redescobrirá o Canto Chão e evitará até mesmo a polifonia como antropocêntrica demais.” \*

---

\* <http://blog.cancaonova.com/padrejoaozinho/2009/08/24/canto-chao-ou-gregoriano/>

Passando à ordem prática, vamos ver como é o canto anglicano simplificado em relação aos salmos. O saltério é dividido com um asterisco “em duas partes indicando uma pausa, que deve ser guardada no canto ou na leitura.” (LOC, p. 212) Há também uma pausa breve no final de cada versículo. A pausa dá tempo para inspirar o fôlego que precisamos para dar seguimento à próxima parte. Isto se torna absolutamente essencial nos versículos mais longos. Colocamos a ênfase não só na sílaba mais importante ('tônica'), mas também na palavra ou nas palavras que mais ressaltam no versículo. Este processo de cantar o salmo requer muita atenção e alguma prática, mas não é difícil. Deverá haver um esforço para saborear o significado, o ritmo e o fluxo das palavras, como a oração em que são compostas.

Neste tipo de cantochão geralmente há oito tons que correspondem a um par de versículos, quatro para cada um. Começamos o versículo com o primeiro tom, mudamos para o segundo tom na sílaba tônica antes do asterisco, passando para o terceiro no início da próxima linha do mesmo versículo e aí para o quarto e último tom na sílaba tônica antes do final. Depois, no próximo versículo, o mesmo esquema com tons cinco a oito, encerrando assim o par.

Como há somente oito tons, as melodias são simples. Embora haja uma página de oito ou dez melodias de canto anglicano simplificado no Hinário Episcopal de 1982, existem milhares delas em outros lugares (ver O Plainsong Psalter, editado pela The Church Hymnal Corporation da ECUSA). Podemos criar mais ainda. O céu é o limite!

Às vezes encontramos uma linha muito longa, com várias vírgulas e sub-frases antes da pausa. Não corra! É só lembrar de inserir mini-pausas onde naturalmente viriam, respirar, e não alterar o tom antes da hora. Outro ponto importante de se lembrar é o fato que nem toda seleção contém um número par de versos. Se houver um número ímpar de versículos, para que a melodia possa se completar, simplesmente repetimos os tons cinco a oito da melodia no último versículo, em vez de reiniciar a melodia.

Pode eventualmente haver discordâncias sobre a ênfase a ser dada a determinada palavra ou sílaba. Aí entra em cena a prática de 'trabalhar como povo' (*liturgos*) e tentar resolver para que o corpo não se separe. Podemos pensar no que diz o Hinário Episcopal de 1940: “Há hoje um total consenso de opinião, em todos os lados, que o bom cantochão é primordialmente uma boa leitura em voz alta, e que o ritmo da fala natural é tão essencial no cantar dos salmos e cânticos como no pronunciar deles sem música.” Padre Joãozinho explica que no cantochão não existem compassos, mas sim ritmo, que é “ditado pelo significado, como ondas (*neumas*)”. Nós somos as ondas, ondas deste mar que é a Criação.